

INTRODUÇÃO

REPETIÇÃO E ARQUIVO

Este livro aborda a conjunção dos discursos de Sigmund Freud (1856–1939) e Sándor Ferenczi (1873–1933) sobre a *experiência psicanalítica*, assim como as ressonâncias dessa conjunção no discurso de Jacques Lacan (1901–1981). Para isso, inicialmente situa-se ou flutua nas *bordas* existentes entre as discursividades de Freud e de Ferenczi, no intuito de indicar linhas de continuidade e descontinuidade, bem como fendas, impasses e obstáculos intransponíveis. Seu pano de fundo é a intenção de evidenciar ou mesmo ressaltar as coordenadas constitutivas da psicanálise como experiência, forjada pela lógica da *intertextualidade* estabelecida seja entre as figuras do analista e do analisante, seja entre as interfaces e as diferentes discursividades psicanalíticas surgidas ao longo do tempo.

No que concerne ao último ponto, há interfaces que se revelaram bem mais fundamentais do que outras na constituição da experiência analítica. Esse é, sem dúvida, o caso daquela forjada entre os discursos de Freud e de Ferenczi, que ainda se dissemina em harmonias e ruídos na atualidade do campo psicanalítico. A insistência das questões enunciadas por eles nos anos 1920 e 1930 continua a indicar o lugar crucial de sua intertextualidade na construção da experiência analítica, tal como a concebemos. Com efeito, a *repetição* (Freud, 1920) como marca inconfundível do *arquivo* (Derrida,

1995) psicanalítico autoriza-me a privilegiar as bordas existentes entre os discursos desses dois autores como forma de delinear o campo privilegiado da experiência analítica.

É preciso, de todo modo, ter cuidado e permanecer atento ao que se processa na interface dos discursos, para que se estabeleça entre eles uma efetiva intertextualidade. Tal interface, jamais opaca e silenciosa, marca-se sempre por passagens, interrupções e fendas. Os discursos se infletem, se acoplam e se interpenetram, mesmo quando se opõem e se repelem com muita intensidade, razão pela qual a metáfora evocada pelas bordas é útil para pensar, de maneira efetiva, a intertextualidade e a interface que estão em questão. Em outras palavras, as fronteiras existentes entre discursos diferentes são sempre móveis e porosas, jamais se configurando sob a forma de uma linha plena e pétrea a indicar, tal qual um mineral endurecido, a morte da palavra e do diálogo.

A última imagem, aliás, foi delineada pela própria comunidade psicanalítica, ao excluir simbolicamente Ferenczi de seus circuitos dialógicos e de seu campo no final dos anos 1920. Em particular, a parte da comunidade centrada na *International Psychoanalytical Association* (IPA), que inicialmente o caracterizou como a “criança terrível” da psicanálise e posteriormente, por meio de Ernest Jones, tomou-o como psicótico (Jones, 1957), o que, durante muito tempo, maculou a sua produção teórico-clínica com o signo da loucura, mantendo-o excluído, de maneira inapelável, do campo psicanalítico.

Sem ter sido expulso de sua filiação institucional, Ferenczi foi simbolicamente rechaçado do campo psicanalítico. Silenciado pela sombra de loucura lançada sobre os seus escritos, tanto estes quanto as novas técnicas clínicas que propôs foram considerados sintomas de nefastas perturbações de seu psiquismo. Embora, como sabido, tal tipo de sistematização acusatória seja uma das modalidades mais agressivas de amordaçamento e neutralização das individualidades na tradição ocidental (Foucault, 1961), a psicanálise como instituição fez com que se impusessem a Ferenczi os mesmos procedimentos obscurantistas e mortíferos.

A tradição psicanalítica posterior, todavia, promoveu um acerto de contas com o que se fizera com ele, retificando a sua memória.

Com isso, curvou-se ao reconhecimento de sua obra e da pertinência teórico-clínica de seu percurso. A comunidade analítica retirou Ferenczi do arquivo morto da história da psicanálise e o inscreveu novamente em seu arquivo vivo. Invertendo o título de um famoso filme de Glauber Rocha, ainda que o “santo guerreiro” quase nunca vença o “dragão da maldade”, foi isso o que ocorreu com a contenda em pauta: a autocrítica posterior a que foi levada a empreender a comunidade analítica soube não apenas dar marcha ré no catastrófico processo de denegrir a figura emblemática de Ferenczi, como também a redescobrir o frescor do seu discurso.

Na leitura da obra ferencziana, apreendem-se, com facilidade, interseções com o discurso freudiano. Isso, todavia, não quer dizer que ambos tenham enunciado a mesma coisa, e sim que permanecem entre eles diversos pontos em comum. São essas áreas partilhadas que evidenciam a intertextualidade aludida há pouco, cujas bordas se impõem como um imperativo retórico de que não se escape, sob pena de não se caracterizar devidamente a porosidade existente entre tais formações discursivas.

Em acertos e desacertos, permeados por ressonâncias e ruídos insistentes, a comunicação entre Freud e Ferenczi se caracterizou, sobretudo, pelos mal-entendidos que marcam as relações intersubjetivas, inclusive aquelas que se realizam no estrito campo do trabalho intelectual. No entanto, da leitura cuidadosa de seus textos sobressaem-se igualmente a riqueza e a complexidade da interlocução que empreenderam, sendo justamente o vigor, a atualidade e o rigor presentes nesse diálogo o que me interessa aqui destacar.

Deve-se, assim, empreender uma leitura eloquente, porém despidida de solenidade, enfatizando-se a vertebralidade presente nos argumentos e contra-argumentos enunciados pelos interlocutores. Afinal de contas, foram os traços dessa prática argumentativa que se tornaram indelévels na nervura constitutiva da *experiência psicanalítica*, vale dizer, que compõem quer a rasura dos fios elementares, quer a costura dos alinhavos decisivos dessa experiência sempre conflituosa.

Se a psicanálise não é, decididamente, uma ciência, e sim um modo de *discursividade*, como Foucault indicou em sua célebre

conferência “O que é um autor?” (1969), então se deve sempre retomar os escritos que a fundaram, isto é, os textos que a constituíram efetivamente como discurso. Jacques Lacan o compreendeu muito bem na aurora dos anos 1950, ao empreender o seu já mítico “retorno a Freud” (Lacan, 1966), cujos ganhos conceituais e avanços operatórios revigoraram o discurso psicanalítico, permitindo que a interlocução de Freud com Ferenczi incidisse, de maneira decisiva, no discurso por ele forjado.

Aqui, de todo modo, proponho-me essencialmente a estabelecer as coordenadas da experiência psicanalítica, tal como ela se constituiu historicamente à luz da interlocução entre Freud e Ferenczi. É para essa intertextualidade que conformou boa parte da discursividade da experiência psicanalítica que minha atenção se volta, reservando apenas o último capítulo ao exame das bordas existentes entre Freud e Ferenczi após a releitura da teoria e da clínica psicanalíticas realizada por Lacan.

[CONTINUA...]